O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 688

10 DE FEVEREIRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lindo inverno! Talvez que pela proximidade do entrudo lhe viesse á lembrança o mascarar-se de primavera. Ou seria a linda moça, coroada de rosas e papoilas, que se metteu a fazer contractos com o classico velho de longas barbas brancas friorento, cujo retrato por ahi vemos aquecendo as mãos anemicas á luz d'uma lamparina? Cuidado com a caprichosa! Sabe Deus o que nos espera!

O que é, porém, certo é que raras vezes o céo de fevereiro vestiu por tantos dias um manto de estofo azul tão rico, todas as noites marchetado pelas mais fantasticas e luminosas pedrarias!

A Avenida, todas as tardes, cheia de movimento; os theatros á cunha todas as noites! Nem uma careta no céo, nem um salpico obliquo de chuva na vidraça, a porem-se ao lado dos paes de familia economicos!

— Meninas, hoje, como vêem, não é possivel!

E o entrudo já tão perto!

Já nos estancos, tristes como cabeças de guilhotinados, baloiçam-se nos preguinhos as caraças fantasticas, de risos gelados, de lagrimas risiveis: velhos d'oculos verdes, narigudos desconformes, hydrocephalos delirantes, olhos ophtalmicos, boccas de hydrophobos.

Pode a fantasia humana trabalhar na criação do feio; ha de sempre a natureza levar lhe a palma.

Já de cada janella vão cahindo as borlas de papel sobre os chapéos de côco. Os chapéos altos vão pelo meio da rua, como os americanos.

Foi ao apparecer das mascaras de *talon rouge* e meias cahidas, dirigindo-se com gravidade para os primeiros bailes da Trindade, que surgiram os boatos de crise ministerial. Apontavam-se os nomes dos que haviam de entrar, o sr. Alpoim, e o sr. Villaça...

O contraregra não apitou e o panno ainda não se ergueu sobre as faladas modificações.

Noticias de muito maior importancia nos chegaram de Coimbra, terra de estudantes. Houve momentos em que se suppoz que se tratava de uma quasi revolução. A historia conta-se em meia duzia de palavras, embora pareça absurda a conclusão. Partida de republicanos para o Porto. Partida de monarchicos para Lisboa. Resultado final: — Todos contra o commissario de policia!

Gritos, troças, toiradas, cutiladas, um tiro que não acertou em ninguem, varias prisões acertadas e desacertadas, correrias, alarmes, volumes em telegrammas e, finalmente, chegada de D. João de Alarcão, novo governador civil substituto, que pôz o ponto final, suspendendo o commissario.

Rapaziadas. Fantasias.

Escreveu Balsac: «*Sans doute il faut rester jeune pour comprendre la jeunesse.*»

Devido a isso e por esquecimento do que todos nós já fomos, uma parte da imprensa pareceu querer approvar o uso da força contra os que primeiramente pugnavam em favor de idéas, que, sempre, mais ou menos, aquecem cabeças de vinte annos, e depois, ainda mais desculpavelmente, se exaltavam por sympathico espirito de camaradagem.

Os muito novos e os muito velhos em tudo hão de metter um bocadinho de poesia. Um exaltado de vinte annos é sempre um poeta. Fusilal-os porque! Demais terão elles vida para depois tratar da prosa.

Deixem que haja poetas. Os que mais, na lucta da vida, abandonavam sonhos e poesias, sentem-se asphixiados ás vezes, consolam-se da perspectiva acanhada de seus solares luxuosos, procurando na obra do pobresinho a reminiscencia d'um sonho morto e lindo, como outro já não podem crear

Deixem que haja quem sonhe e comnosco seus

ROBERTO IVENS — Fallecido em 28 de Janeiro de 1898

sonhos partilhe. Dizer á mocidade que não sonhe é como mandar a uma arvore que não floresça na primavera.

Entre um livro de versos e um artigo de fundo, consintam que eu prefira o livro.

Ha bem pouco, da imprensa Libanio & Cunha, sahiu a publico um novo volume de Martinho de Brederode, o auctor da *Charneca*.

Chama-se a nova obra *O Pó da Estrada*.

Os titulos, que bem definem os livros, descrevem o poeta e a doçura contrafeita d'uma fatal melancolia.

Lê-se este livro em pouco tempo. Umas duzias de poesias curtas. Mas a obra tem unidade, o que é raro em livro de versos. No mesmo estado d'alma foram escriptas todas aquellas estrophes de sonhador silencioso, apaixonado pela dôr propria, afagando-se com sorrisos musicaes.

Um pequenino véo misterioso enche a alma supersticiosa do poeta, amante da noite.

> Estas rimas p'rá Noite silenciosa,
> P'rá Noite, virgem cheia de tristeza,
> Cheia de graça e de ternura cheia.

Na maior parte das poesias do novo volume de Brederode, nas *Janellas Verdes*, nas *Estradas Silenciosas*, em quantas mais ainda, ha transparentes, impalpaveis, quasi imperceptiveis fantasmas brancos, carinhosos uns, outros quasi de pesadêlo, mas ainda assim saudosos, que passam, deslisam, despertando de longa somnolencia indistinctas memorias do passado, arripiando-nos a espinha com o dedo gelado do misterio. Passam ali almas de mortos, mortos ha muito, que a memoria conserva estremunhada de sonhos de meninice, ou trouxe — quem sabe? — d'além do berço.

E' esse leve perfume de misterio — que muitos talvez desconheçam, homens de sangue limpido e rubro, almas lavadas de preconceitos herdados, brancas, muito brancas, em corpos sadios — são essas visões de sonhos esquecidos, que essas paginas tão simples ás vezes sabem evocar.

As coisas teem almas, almas que, sadias, cantam nos vastos campos rumorejantes, apaixonadas gemem nos bosques, ou moribundas, sem nunca attingir o ideal da morte, choram nas ruinas.

Certas paizagens feriram a alma lyrica e supersticiosa do poeta. Pinta-as de côr, como artista; dá-lhe a saudade as linhas de luz, branca e fria, como as do luar nas arestas dos monumen-

tos; o frio do pesadêlo deu-lhe a mancha negra, como a dos cedros copados. Pinta-as de côr e por isso commette erros, embora as pinte com a melhor memoria, a do coração. O sentimento erra ás vezes, mas antes a sinceridade d'um erro que a verdade na hypocrisia do sentimento.

Vejam essa *Paizagem* morta. Morta?... Mas a alma anda perto, vagueia sobre as ruinas, sentimol-a passar n'um gemido lugubre.

> Na terra avermelhada, sem verdura,
> — Mancha disforme, nodoa parda e feia,
> Ruina lamentavel, triste e escura —
> Dorme a desmoronada e velha aldeia.
>
> Caixilhos onde o vidro não clareia,
> Muros cahidos, cheios d'amargura,
> Que a silva trepadora cinge e enleia;
> Oiros de musgo, cardos com fartura.
>
> Junto á cisterna exhausta d'um pardieiro,
> Uma figueira brava, anã, obesa,
> Eleva os desgraciosos ramos tortos...
>
> Cae um glacial e denso nevoeiro,
> E a muda aldeia sonha na tristeza,
> Na eterna paz dos velhos campos mortos...

Os novos vão-se apresentando bem, fazendo-se velhos e progredindo. Quem disse um dia que a poesia estava a expirar?

Brevemente tres nomes dos mais novos e dos de mais talento veremos applaudidos n'um dos primeiros theatros de Lisboa. Não sejamos indiscretos e contentemo-nos por emquanto com esta pequenina vaidade de que hade haver afinal um profeta n'esta terra. Bastaria eu escrever os nomes para que todos comigo se gabassem de profetas.

Será um progresso no theatro. Todos o pedem ha tanto, só com o prazer de pedil-o, que bom foi que trez audazes se atrevessem a realisal-o. E eu creio que sim.

Guardemos por emquanto o segredo.

Continuam n'outros theatros as revistas em preparação e só o Gymnasio, em tempos de carnaval, se atreve a annunciar um drama.

O *Papá Lebonnard* foi representado em beneficio de Joaquim d'Almeida. A obra de Joan Accard, que, tão distinctamente aqui fôra apresentada por Ermete Novelli, traduzida agora por Manuel Penteado e Luiz Galhardo, teve no Gymnasio uma nova consagração.

O theatro de D. Maria caminha com a sua *Familia americana*, em que todos os interpretes foram applaudidos, sobresahindo Rosa Damasceno.

Mas não só nos theatros publicos se ouvem applausos. No theatrinho do Club do Calvario nas noites de 27 e 29 de janeiro foram applaudidissimos os interpretes das comedias *A's avessas, lever de rideau*, imitação de Anacleto de Oliveira, e da *Torre de Babel* peça franceza traduzida pelo sr. Rangel de Lima.

Mais de quinhentas pessoas assistiram á recita, acolhendo os talentosos interpretes com ruidosos e enthusiasticos applausos.

Os papeis de *lever de rideau* de Anacleto de Oliveira foram desempenhados pela sr.ª D. Christina Toulson e sr. Luiz Toulson. Interpretaram a *Torre de Babel* as sr.as D. Edewiges Barros, D. Amelia C. Cruz, D. Guilhermina Santiago, D. Sophia Ferros e os srs. João Pinto Ferreira, Augusto Blanc, Alfredo Barros, Fernando Cruz, Julio de Carvalho, João Chaves Cruz e Luiz Toulson.

O theatro de S. Carlos, cujas enchentes successivas são caso virgem na historia das differentes emprezas, póz finalmente em scena a opera *Mario Vetter* de Augusto Machado, um mestre, um delicado, um artista, um consciencioso.

Muito mais se annuncia e todos o que se importam com a arte portugueza esperam com anciedade a decisão do jury que ha de premiar um dos onze concorrentes, auctores das peças historicas commemorativas do centenario da India.

Vedremo...

João da Camara.

ROBERTO IVENS

A' mesma hora, oito da noite de 28 de janeiro, em que boa parte da população de Lisboa e da guarnição militar da cidade, victoriava Mousinho de Albuquerque, o heroe de Chaimite, um outro heroe tambem, que immortalisou o seu nome em Africa, desprendia a alma d'este mundo, n'um ultimo arranco de vida, que tão cara era aos seus e á patria.

Roberto Ivens, o arrojado explorador africano, que infileirou o seu nome ao lado dos exploradores mais notaveis, Levingstone, Cameron, Stanley que o mundo celebrou e applaudiu, morreu na sua casa do Dáfundo, depois de uma prolongada doença, complicada com antigas enfermidades adquiridas em Africa e a que póz termo fatal uma pneumonia dupla, em menos de oito dias.

Como a cada momento se affirma o nada das coisas humanas, para que as illusões do mundo não nos empolguem completamente e nos façam esquecer a fragilidade d'este barro.

Luctas, heroismos, glorias tudo ali se vae perder, e felizes d'aquelles que, um dia glorificados, a gloria os acompanha até ao tumulo e se não vêem ingratamente esquecidos ou vilipendiados antes que a morte lhe serre as palpebras no somno eterno.

Roberto Ivens teve os seus dias de gloria; o seu nome junto com o de Hermenegildo Capello — porque estes dois nomes andaram sempre ligados, como juntos andaram os dois exploradores nas suas viagens atravéz d'Africa, — correu por todo o mundo, como por todo o mundo correu a noticia das suas viagens, e fez reviver n'este ultimo quartel do seculo XIX o nome de Portugal, dizendo bem alto que ainda se não tinha extinguido n'este canto da terra, a raça dos antigos exploradores que devassaram o mundo.

Como foi bom, salutar aquelle renascimento, iniciado nas primeiras viagens de exploração atravéz dos rios e dos sertões d'Africa, realisadas de 1877 a 1880,

Como já vae longe essa data. Vinte annos decorridos! E que trabalho, que luctas, que heroismos se não tem desenvolvido, durante esse tempo, pelos nossos dominios africanos.

Como o somno secular que dormimos sobre as coisas d'Africa, despertou emfim, e as viagens de exploração se succederam: e vieram as guerras dos pretos; a cubiça dos brancos a disputar-nos a posse secular dos nossos descobrimentos; a divisão territorial de novos governos e districtos; o estabelecimento da auctoridade militar e da judicial; as obras publicas, caminhos de ferro, portos de mar, seccamento de pantanos, hospitaes, alfandegas, quarteis, um sem numero de coisas que ainda não bastam para garantir a posse de aquelle vastissimo paiz, porque ainda n'ol-o disputam e vão estrangeiros retalhando-o em seu proveito, sob a invocação do direito das gentes, sem termos forças para lhe oppôr.

E comtudo estes ultimos vinte annos marcam paginas bem gloriosas para a historia patria, nas coisas d'Africa, a despeito de todos os amargores porque Portugal tem passado.

Se as ultimas guerras d'Africa tem reverdecido os loiros das armas portuguezas, não deram menos gloria a Portugal as viagens dos seus exploradores atravéz d'aquelle paiz, nos ultimos vinte annos decorridos.

D'essas viagens, principalmente, nasceu o grande movimento operado nas nossas possessões ultramarinas. Foram ellas o toque de alarme que acordou a nação e lhe impremiu o movimento colonial que hoje se observa.

A Africa hoje já não é a antiga terra de degradados. Vae se para lá expontaneamente, como d'antes se ia para o Brazil. A corrente está estabelecida; o tempo e o trabalho farão o resto.

Para este resultado quantos sacrificios feitos!

A historia das explorações portuguezas tem paginas gloriosas nos tempos antigos e nos nossos dias.

E' de vêr, no seculo XV e XVI como a Gil Eannes succede uma pleide de navegadores, que todos á profia se aventuraram aos mares e aos descobrimentos.

Pois a partir de 1876, repete-se o mesmo caso. Por esses annos iniciam as primeiras explorações tres portuguezes decedidos a vencer a repugnancia de devassar o solo africano, Serpa Pinto, official do exercito, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens officiaes de marinha, realisam as primeiras viagens.

Ficaram memoraveis essas viagens, pelo assombro que causaram se pelos copiosos beneficios que d'ellas, colheram para a sciencia e para o commercio, e logo seguem outros viajantes exploradores, Augusto Cardoso, Antonio Cardoso, Azevedo Coutinho, Victor Cordon e mais que nos não lembram n'este momento.

Em 1877 reuniam-se os tres officiaes em Loanda, na casa de José Maria do Prádo, com Stanley que chegava do interior d'Africa onde reconhecera o rio Luababa-Zaire-Congo.

No tempo que se demoraram em Loanda, estiveram os exploradores portuguezes em grande convivencia com Stanley e este escrevia então para a imprensa ingleza, notando o bem organisado da expedição portugueza, quer na excellencia dos instrumentos que possuia, quer na competencia scientifica dos officiaes portuguezes que a compunham.

Como se sabe, n'essa primeira viagem de exploração, Serpa Pinto a breve trecho apartou-se de Capello e de Ivens, o que deu logar a duas travessias distinctas. O apartamento deu-se no Bihé e d'ahi derivou a viagem de Capello e de Ivens do Bihé á Contra Costa.

D'ali marcharam juntos os dois exploradores, e nunca mais se apartaram. A primeira viagem terminou por 1880; tres annos depois partiam de Lisboa para a sua segunda viagem, de Angola ás Terras de Iacca, d'onde regressaram em 1885.

Então Capello e Ivens foram recebidos em Lisboa com tantos applausos e enthusiasmo como os militares que ha pouco voltaram da campanha de Gaza, e as manifestações que se lhes fizeram na capital, repetiram-se por todo o paiz, muito principalmente no Porto, onde os dois exploradores fôram victoriados com delirio.

Tudo passou e hoje de Roberto Ivens só resta a memoria saudosa.

Não foram os annos que o mataram, mas os trabalhos d'Africa que lhe arruinaram a saude, pois não se passa impunemente por aquelles sertões, percorrendo 4:200 milhas de costa a costa, das quaes 1:500 de sertão nunca transitado por europeus, e em cuja travessia se perderam 62 homens entre mortos e extraviados!

Roberto Ivens estava então na força da vida, 34 annos apenas. Nascera na ilha de S. Miguel a 12 de junho de 1850 filho de pae inglez e de mãe portugueza, mas nem por isso se modificou n'elle o temperamento de meridional. Valente, arrebatado, enthusiasta e generoso, abrigava em seu coração todos estes sentimentes a par de um grande amor patrio, que foi o movel de toda a sua vida.

Aos 17 annos de idade sentou praça na marinha e aos vinte concluiu o curso e embarcou na corveta *Estephania* que partiu para a India, onde as tropas de Góa tentavam revoltar-se.

De volta d'esta viagem vinha feito guarda marinha e logo partiu para Angola, embarcado na *Duque da Terceira*.

Fez ali uma estação e andou no cruzeiro da costa de Mossamedes até S. Thomé, a bordo da *Rio Minho* e da escuna *Napier*. Regressou d'esta estação em 1874, na *Martinho de Mello*, embarcando pouco depois na *Duque da Terceira*, no posto de segundo tenente. e n'ella percorreu os portos de S. Thomé, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Montevideu.

Regressou a Lisboa, em 1876 e logo partiu, no *India*, para os Estados Unidos, onde foi levar a commissão portugueza e os productos de Portugal que concorreram á exposição de Philadelphia.

D'esta commissão regressou a Lisboa, em junho de 1876 e dois mezes depois, seguia a bordo do *India* para a estação naval de Angola, onde passou a corveta *Sá da Bandeira*.

(Continúa). *C. A.*

O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

(Continuado do numero antecedente)

Edgard Quinet consagrou ao portico e ao templo de Belem uma pagina eloquente, de generosa poesia, no seu livro: *Mes vacances en Espagne*. Quinet viajou em 1846 por Hespanha e Portugal; de Cadiz veio a Lisboa. A agitação politica dominava os dois povos peninsulares; em tal meio mais saliente se fazia a magestosa serenidade dos grandes monumentos do passado. A vista da torre de Belem impressionou-o tanto que o levou ao devaneio, ao exaggero phantasista. Todavia a pagina relativa ao mosteiro é tão elevada que fica bem n'esta noticia; será bem vulgarisal-a para nacionaes e estrangeiros.

— Quand les anciens navigateurs, aprés avoir conquis des mondes, rentraient dans leur pays, ils debarquaient devant le seuil du monastére de Belem: c'était la porte *par laquelle devaient entrer tous les triomphes du Portugal*.

Je courus vers cet endroit unique sur la terre; je vis lá un monument d'une sublimité si vaire, si originale, que toute la pensée du peuple portugais m'y parut renfermée. Quand le tremblement de terre n'aurait laissé subsister aucun autre débris, et que tontes les chroniques seraient perdues, ce monument parlerait seul; l'ame marine du Portugal vivrait dans chaque pierre.

A l'entroit du Tage où Vasco da Gama s'est embarqué pour chercher le continent des Indes, sur cette *plage des larmes*, qui a vu tant d'émotions de crainte, d'espérance, de douleur, tant de départs, d'embrassements, d'adieux qu'on croyait éternels, de retours triomphants, le roi Emmanuel a fait élever une église. L'architecture en est gothique; mais le trait de génie est d'y avoir mélé tous les caractéres de la vie de mer: des cables de pierre qui lient les piliers gothiques les uns aux autres, de hauts mâts de misaine qui soutiennent les ogives, les rosaces, les voûtes, pendant que la voile de l'humanité s'enfle, au seizieme siécle, sous l'haleine du ciel.

C'est encore la maison du Dieu du moyenâge, mais appareillée comme un vaisseau en partance.

Si vous entrez dans l'intérieur du cloitre, dejá les fruits et les plantes des continents nouvellement révélés, les cocos, les ananas, les pamplemousses, sont cueillis et appendus dans les basreliefs. L'esprit d'aventure, de danger, de science, de découverte, respire dans ces murailles plus que dans aucune chronique. C'est l'impression de ce moment indicible d'enthousiasme où Christophe Colomb, Vasco da Gama, Magellan, Jean de Castro, entonnent, à genoux, le *Gloria in excelsis*, en serrant les voiles devant des terres inconnues. Ici, des sirénes gothiques nagent dans une mer d'albâtre; lá des singes grimpeurs du Gange se balancent au câble de la nef de l'église de Saint-Pierre. Les perruches du Brésil battent de l'aile autour de la croix du Golgotha. Des larmes coulent sur des blasons. Ajoutez des mappemondes de marbre, des astrolabes, des équerres mariées aux crucifix, des haches d'abordage, des boucliers, des échelles, partout des agrés, des noeuds de cordes roulées, qui amarrent les colonnes, les piliers, vous sentirez, dans le moindre détail, une église marine, la barque pavoisée du Christ espagnol et portugais, qui, au milieu des angoisses de l'homme, cingle en paix, vent arriére, sur des océans non encore visités

Des élephants de marbre portent en triomphe l'urne funébre du roi Emmanuel, qui a presidé á la decouverte des Indes; d'autres morts sont conchés prés de lá. Vons diriez des pilotes endormis sons la voûte surbaissée de l'entre-pont.

Os elementos marinhos que tanto impressionaram Quinet na decoração manuelina dos Jeronymos, surgem com maior intensidade ainda na celebre janella e espelho do convento de Christo em Thomar, e na porta da casa de Sub-ripas, em Coimbra.

No espelho que está sobre a janella de Thomar, o artista ousou formar a moldura com a vella cheia, contida pelos cabos, de modo muito original.

Entre os elementos que nos Jeronymos melhor demonstram a influencia dos descobrimentos ultramarinos, impressiona-me superiormente a singular ornamentação de uma das portas dos confissionarios, toda em rostos de gentios, inesperada collecção anthropologica.

O sr. Ramalho Ortigão escrevendo o parecer da commissão dos monumentos nacionaes, no caso tão longo e complicado da conclusão do edificio dos Jeronymos, tem alguns periodos bem cheios de amor, de poesia, de bom senso, moldados no seu dominador estylo.

— Não podem criticos portuguezes... eximir-se a consignar a sua admiração enternecida por tão perfeito conjuncto de arte e de poesia, assignalando aquelle ponto da praia do Rastello, de onde levantou ferro e se fez ao mar, fremente de mysterio, empavesado pela marinhagem em festa subida ás vergas, benzido pela igreja, sagrado pelas lagrimas de um povo, que lhe confiava o seu destino, o primeiro galeão das Indias.

A' beira do mar, quasi beijada pela maré cheia, uma das mais bellas igrejas de todo o mundo, com uma crasta sem rival, na sua alta expressão de fé, de aventura e de gloria, verdadeira flôr esculptural da alma enthusiastica de uma grande raça,

... A architectura manuelina é uma architectura de transição, e em toda a transição se subentende uma decadencia. As epochas de decadencia teem esta vantagem; que, suprimindo a tyrania das escólas, conferem uma tregua da mais salutar independencia aos artistas.

Toda a transição tem necessariamente por causa um enfraquecimento de auctoridade, e, por effeito, um proporcional desenvolvimento de força livre. Em um d'esses rapidos periodos de anarchia, tão propicios ao individualismo do genio, nasceram em Portugal algumas obras de rara, profunda e incomparavel expressão, como a janella da sala do capitulo em Thomar e o claustro dos Jeronymos em Belem. Estas obras porém, assim como as de todo o cyclo manuelino, não suportam imitação, não prestam elementos de ensino, nem pódem constituir escóla, porque ellas são, em si mesmas, a violação de todo o preceito, a negação premeditada e acintosa de todas as regras. Toda a escóla tem de ser fundamentalmente dogmatica, ao passo que toda a architectura manuelina é em arte essencialmente heretica. —

Algumas linhas mais adiante o sr. Ramalho Ortigão affirma ainda. — Ora o estylo manuelino não é um mero desenvolvimento do gothico, mais ou menos florido, mais ou menos flamante. Ainda que composta de muitos elementos gothicos, porque em toda a evolução da arte coexistem os phenomenos precursores com os vestigios ancestraes, a architectura manuelina é umas das fórmas peninsulares da renascença em seu primeiro periodo, assumindo em Portugal uma expressão parallela á do plateresco em Hespanha. Não se comprehende bem o manuelino sem ter visto o plateresco, nem se conhece inteiramente o plateresco sem o comparar ao manuelino. São phenomenos analogos, concomitantes, peculiares da Peninsula, desconhecidos do resto da Europa, tendo causas communs na historia, no espirito, no temperamento da raça, e tomando uma especial accentuação regional em cada um dos logares em que se manifestam. —

Temos portanto que ha um estylo manuelino, que não é o plateresco hespanhol; e que esse estylo soffreu variantes locaes, regionaes.

Já o Vasari, o illustre Vasari, notou o caracter especial da architectura portugueza d'esse brilhante periodo, e de modo tal que dá a entender qpe ao estylo não era indifferente o gosto pessoal do rei Manuel.

Ao dar noticia da vida do celebre Andrea Contucci dal Monte Sansovino, que trabalhou em Portugal dez annos (1490-1500), Vasari menciona algumas obras de Sansovino, feitas aqui, á sua maneira, e outras... *alcune cose stravaganti, e difficili d'architettura, secondo l'uso di quel paese, per compiacere al ré...* (pag. 168, do 2.º vol. ed. de Roma, 1759).

Compare-se este trecho com o de Siguenza que já transcrevi; completam-se perfeitamente. O artista italiano e o escriptor hespanhol acharam estranho, especial, extravagante o estylo manuelino.

Valente arranco d'arte correspondendo ao enthusiasmo d'esse periodo de febre, de tão desvairadas novidades.

G. Pereira.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

V

(Continuado do numero anterior)

O engenheiro compreendeu logo que ia principiar o interrogatorio, e apressou-se em responder:

— Tenho trinta e cinco annos.

— Não é muito. Oh! decerto que não é muito — repetiu o ancião mirando o Frederico, este porem contentou-se com aprovar mediante ligeira inclinação de cabeça.

Estava desnorteado; pensava: «porque se retiraria a pequena?» Não era bonita; ao contrario; antes pouco sympathica, mas não era isso razão para elle a ter offendido com os seus olhares inconvenientes e seu desdenhoso sorriso. Fora injusto... isto é, injusto, não, porque oportunamente compreendêra que ella tão pouco o achava bem parecido ou sympatico. Assim, pois, vingára-se — nem mais nem menos; sim senhor, e muito á sua vontade. — Isto é, á sua vontade não, porque, a coberto da sua ironia zombeteira, possuia Frederico qualquer sentimento delicado que se revoltava, talvez, contra o socégo uniforme de todos os dias.

«Coisas de Hespanha» leu Joaquim com esse metal de vóz, mais alto do que é mister, mediante o qual se annunciam os sitios importantes atravez dos quaes se vae passando, ao lêr um periodico, e ergueu a cabeça para observar o effeito que produzira.

— Estes senhores são de Milão? — perguntou o dr. Roque.

— De Milão — respondeu Frederico, bocejando livremente, para se dar um certo tom.

— De Milão — respondeu Eneas com modo grave; — meu pae era tambem de Milão, mas não minha mãe.

E pronunciou estas palavras com accento tão singular, que o dr. Roque imaginou que não passaria em páz o resto de seus dias, emquanto não soubesse de que paiz éra a mãe do engenheiro Enéas.

— Minha mãe era russa, com grande mistura de sangue hespanhol — proseguiu Enéas saboreando modestamente o seu triumpho — porque meu avô éra russo e minha avó catalã. Ha momentos, acrescentou sorrindo por comprazer com a supposta incredulidade dos seus ouvintes, — ha momentos em que chego a crêr que me circula qualquer coisa ardente pelo corpo; é o sangue catalão.

E a tua avó — observou Frederico com zombetaria seriedade.

Riu-se Enéas, riu o dr. Roque e riu tambem a Tranquilina, a quem Romulo, com habil estratégia, fizera sentar-se a um canto, afim de lhe perguntar se havia sempre sido ditosa. — Desde o proprio centro de Hespanha, Joaquim ouvira tudo isto e riu tambem estrepitosamente

Tornou a apparecer a Amalia; a joven sentira aind'agora necessidade extranha de ausentar-se, de refugiar-se em um lindo quartosinho que conhecia os seus mais intimos pensamentos; assim que ali chegou puzéra a luz sobre a commoda e a si propria perguntara o que viera alli fazer; olhou em redor de si a ver se nos objectos circumjacentes encontrava a resposta, mas não a encontrou; permaneceu immovel, um instante, e depois, sahiu lentamente.

E reapparecia agora, pensativa e como que inquieta por preoccupação desconhecida.

— Amalia — lhe disse o dr. Roque — senta-te aqui, ao pé de mim.

Frederico e Enéas arredaram as cadeiras para lhe darem lugar; e a donzella collocou-se tranquilamente entre seu pae e o engenheiro.

Joaquim, que abaixara um tanto o periodico afim de, com os olhinhos, ir tomando nota das particularidades todas d'aquella scena, tornou a repetir: «Coisas de Hespanha», mas ninguem fez caso, e elle, com delicia, esfregou as mãos.

O dr. Roque era quem tinha nas suas o fio da conversação; comprehendendo, pois, a immensa responsabilidade que, por isso mesmo, pesava sobre elle, apressou-se a observar pela terceira vez que fazia um frio endemoninhado.

—É verdade: — um frio endemoninhado, — disse Enéas.

—Endemoninhado, — repetiu o Joaquim.

—O unico que o não sente é o sr. Romulo, proseguiu o doutor — o meu amigo e sr. Romulo. Ali onde o vêem dispõe de um calôr invejavel — não é assim, Tranquilina?

—O que é? — perguntou Romulo.

—Estavamos dizendo que o senhor é um vulcão em ponto pequeno, o que em nada o prejudica, porque pode ser se um cavalheiro amavel e muito grande e ao mesmo tempo um vulcão muito pequeno.

Succedeu que entre seus antepassados, por fortuna, houvera um que fora ambas as coisas, o que serviu de pretexto a Romulo para nem se mexer.

O dr. Trombeta escutava, resignado, as divagações do engenheiro, de vez em quando, porém, dirigia ao taciturno Frederico olhar inquieto: para este, sorria, para este, sacava do guarda roupa uma alfaia fóra de uso havia meio seculo, a saber: uma bondosa vivacidade. Claro estava que fizera a sua escolha, que procurava expressões para declarar-se.

—Meu presado sr. Frederico — disse, quando Enéas se callou — não terá, acaso, algum antepassado especial, do qual lhe reste no sangue alguma coisa? Porventura não sente uma vez por outra correr pelas veias um avô de neve ou uma avó de lava?

— Não — retorquiu com sorriso assaz contrafeito o mancebo — quero dizer, não sei; nunca me lembrou indagar... mas hei de informar-me...

— Nunca te lembraste de tal — atalhou Enéas, sem desviar a vista de sobre a Amalia — porque acreditaste sempre que eras o principio e o fim de ti proprio. Emquanto que nós outros começámos nos seculos passados e, na maxima parte, viremos a acabar nos seculos futuros, podes tu estar seguro de que te verás reproduzido, primeiramente, em migalhas e fragmentos, depois, inteiro e d'uma só peça, em um descendente que virá a ter o teu proprio temperamento e com as qualidades e defeitos que te distinguem.

—Com que então, tenho defeitos? perguntou Frederico.

O engenheiro, porém, sem cortar o fio ao discurso, replicou:

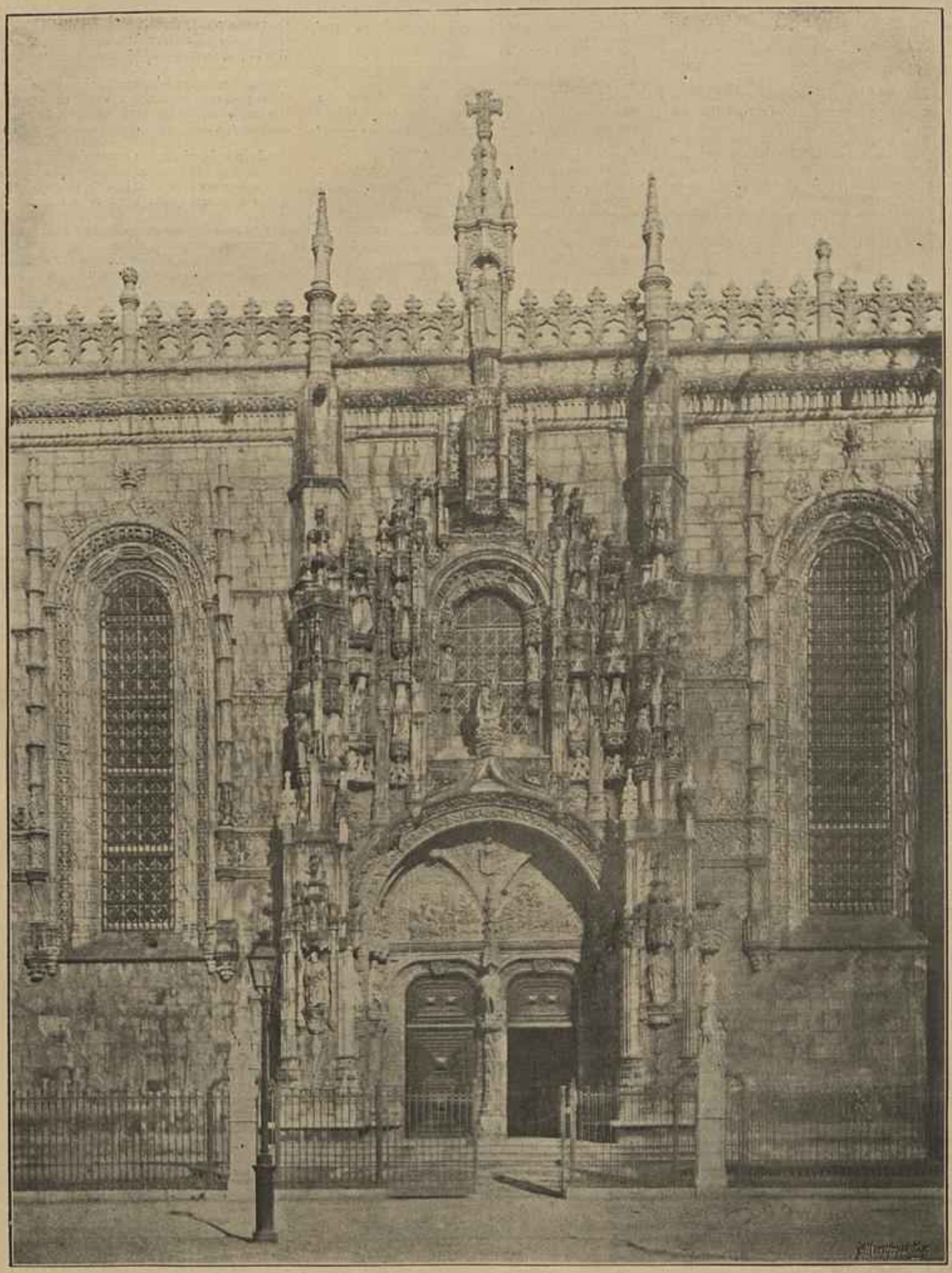
— Tens as qualidades e defeitos de um avoengo qualquer que viveu, provavelmente, no seculo passado. Entre os meus, por exemplo, existiu um, que era um genio, um portento de sabedoria... o que muito me alegra, porque, quem sabe! um filho meu poderá egualmente vir a ser um genio... Por outro lado, a estatistica demonstrou que os filhos varões herdam o sangue da mãe e reproduzem no todo, ou em parte, o da avó materna.

Quem primeiro riu foi o Frederico; ou outros dois imitaram-o; a Amalia, não: pelo contrario, estava mais circumspecta do que em rigor pedia o caso

—Pelo que diz respeito a antepassados, proferiu o Frederico, apenas me recordo de dois, e assaz melancolicos. É possivel que os tenha tido alegres, como o meu amigo Enéas; aquelles, porém, deram mais que fallar que os outros todos, e por isso os conservo na memoria; um d'elles

CAPELLO E IVENS, NA SUA PRIMEIRA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO EM AFRICA, EM 1877

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — Porta lateral da Egreja

(Copia de uma photographia de Rocchini)

desappareceu um bello dia, desamparando a mulher e filhos, e nunca mais se soube d'elle. O outro, aos quarenta annos, era solteiro e capitão de cavallaria; desejava morrer; tinha á sua disposição a guerra, o desafio á pistola e ao sabre, para satisfazer o seu gosto. Pois sabem o que elle fez? Foi comprar uma navalha e cortou as goelas.

— Mas, porquê? perguntou o Enéas.

— Bravo! Porquê?! Eu lh'o perguntarei lá no outro mundo. Quero suppôr que não tem segredos para um parente.

Era tétrica a idéa; as palavras, porém, vivazes e o accento jocoso; todos, pois, se riram mais uma vez.

— «Coisas de Hespanha», repetiu pela terceira vez o Joaquim, tentando fechar definitivamente a porta a tão antipathico assumpto.

— Veja se nos deixa em paz com as taes «coisas de Hespanha», aconselhou o dr. Roque, com insolita doçura. Leia o meu amigo, em vez d'isso, a *Chronica local*; deve trazer pormenores ácerca d'aquelle suicidio que hontem houve.

— Ah! Sim! O do tal que atirou comsigo ao canal del Naviglio.

— Sim, sim, esse; vire a folha; muito bem; veja ahi na terceira pagina; assim, perfeitamente; agora vá procurando que ha de encontrar *O suicidio de hontem* ou *O homem do canal*, ou coisa semelhante.

Em seguida a tantos conselhos e alvitres ministrados com accento mais dôce que o proprio mel, não havia de ser difficil ao Joaquim achar desde logo o trecho correspondente da *Chronica*, e era impossivel que ambos candidatos não pensassem que, casando com a rapariga mais bonita de todo o Universo, lhes cabia a fortuna de ficarem aparentados com o homem mais suave e melifluo do orbe civilisado.

Encontrou effectivamente o Joaquim aquillo que procurava; leu-o, e ficaram todos sabendo que permaneciam envoltas em mysterio as causas que haviam impellido o sr. C. G., mathematico de profissão, a privar-se da propria vida. Tinha 40 annos, era solteiro, robusto e sádio; trazia mil francos na carteira e uma carta sem assignatura, a elle proprio dirigida e que continha tão sómente estas palavras: «amo-te; *valôr!*»

Ninguem entendia aquillo.

Adduziu o Joaquim que, para elle, o mais estranho do caso era ter um homem na flôr da vida, um rapazelho, (um *franganote*, insinuou o doutor Roque), um garoto, que assim se lhe podia chamar, podido pensar em matar-se, sem ter vivido ainda.

Romulo, sem se mover, declarou que, quando um homem traz na carteira um bilhete que diz: amo-te, *valor!* (E uma nota de mil francos, insinuou o doutor Roque), e uma nota de mil francos, não deveria nunca pensar no Canal.

E em conclusão o dr. Trombeta disse que estando o sr. C. G. de perfeita saude, isto é, livre de rheumatico, de gota, inchação do baço, ou paralysia do braço, carecia de toda e qualquer causa legitima para se suicidar.

— Tinha uma! — exclamou com um poucochinho de emphase o engenheiro Enéas.

— Qual?

— Ser solteiro.

O dr. Roque, Joaquim e Romulo ficaram tão surpreendidos com a profundeza de semelhante observação, que concordaram todos tres que ser solteiro era realmente quasi,... devia ser quasi... ou pelo menos *podia ser*...

Frederico deixou escapar de novo o tal seu sorrisinho zombeteiro e olhou para a Amalia, que se poz muito córada.

Prevaleceu n'elle então a boa indole, e receiando ter offendido a donzélla — que estava, na realidade, innocente de tudo aquillo e representava, sem o saber, n'aquella comedia, o papel de protagonista, — quiz emendar o melhor possivel o seu impertinente sorrizo, e fallou d'este modo:

— Cá por mim acho natural que o sr. C. G., se fosse atirar ao Canal. Visto que era rico e não tinha dores physicas nem moraes, que andava a fazer cá por este mundo? Aborrecia-se, provavelmente; não tendo desgostos, não sabia talvez procurar coisa que gosto lhe desse. Deve ter sido um d'esses seres extraviados que caminham ás a palpadéllas, toda avida, por entre uma nuvem de fumo de charuto, e é possivel que o dinheiro todo de que dispunha lhe não podesse dar o que elle, sem o saber, procurava: a sua propria pessoa. Conheço um rapaz, um homem; ou antes, um velho — rapaz, que tem vivido muito sem ter vivido nada. Tambem é rico, sadio, está na flôr da edade, e traz quasi sempre mil francos na carteira; pois bem, se este sugeito não se atirou até hoje ao Canal, é porque se atirará talvez qualquer dia cêdo. A cada um dos que se mata perguntam os senhores «porque é que se matou?» Melhor seria perguntar-lhe, aos senhores, que estão vivos, porque é que se não matam...

— Vamos lá a ver, tu, Joaquim, tu Romulo, tu, amigo Enéas, porque e que vos não atiraes ao Canal?

Os tres interpelados puzeram se a olhar uns para os outros e o Enéas protestou, em seu nome e no dos mais, declarando que antes de responder a semelhante pergunta, havia de o pensar toda a vida...

— Pois eu digo...

Voltaram-se todos para a Amalia á qual estas palavras tinham escapado sem querer...

Estavam estampados no semblante de todos a affectuosa curiosidade e prenuncios de benevolencia; sem embargo, a rapariga, não soube continuar.

— Diga! diga! — repetiu Frederico.

Amalia então fez-se corada, muito corada, e com leve tremor de enfado na voz, prorompeu:

— Digo que esses seres, que vivem pela força da inercia, jámais se encontram a si proprios, porque andam como carneiros, um atraz, outro adiante, e não se procuram com o pensamento: digo que a vida é lucta, que os inertes são aquelles que caem ao primeiro golpe e que este golpe é visivel na maxima parte dos suicidios.

— Esse golpe — emendou docemente o Frederico — é o ensejo: a causa do suicidio já existia de antemão: o tedio, o tremendo tédio, o deus fatal que...

— Phrases — interrompeu a Amalia; — repare bem no tédio; que é, senão a inercia? — : repare n'esses *grandes* aborrecidos, e verá que, em geral, são apenas *pequenos* preguiçosos.

O engenheiro Enéas Ferri poz-se em pé e bradou: «Bravo! bravo!. Amalia repetiu com mais força: *preguiçosos* e Enéas tornou a exclamar «Bravo!» — e depois, tornou a sentar-se, esfregando vagarosamente as mãos.

— Bravo! — repetiu o doutor Roque, e voltando-se para o engenheiro, acrescentou: — A sua avô, que Deus tenha em gloria, está fallando pela sua bocca...

— O teu rapaz-velho — observou Enéas, com a misericordia do vencedor, dirigindo-se a Frederico, que engatilhára outra vez nos labios o tal sorrisinho amargo — o teu rapaz-velho que não se atirou ainda ao Canal, não é talvez amado; amar é viver, e ser amado a força da vida!

— O meu rapaz-velho, — retorquiu o Frederico — amou e foi amado; agora já não ama e é talvez amado ainda; quem sabe se ser amado quando já se não ama, é o desespero da vida? Eu por mim não o sei; o meu rapaz-velho recebe tambem cartas de amôr sem assignatura, e tem amigos que se occupam das suas acções e o divertem dando ares de mysterio á sua existencia clara e limpida e zombando á custa da sua preguiça.

E como ninguem respondesse o Frederico viu que horas eram e poz-se a pé; comprimentou com muito boa sombra os conjuges Trombeta, pediu-lhes licença para voltar a vêl-os de vez em quando e estendeu a mão para apertar a da donzella: Amalia, porém, parece que não deu por semelhante coisa, e saudou-o com a cabeça, friamente.

Quando sahiu o candidato n.º 1 Enéas escreveu-lhe misericordiosamente o epitaphio, dizendo que, *no fundo*, era um bom rapaz.

Mas já não houve meio de atar o fio á conversação; e um quarto de hora mais tarde, o Joaquim e o Romulo atravessavam a rua da Côrça, levando no meio o amigo Enéas, com as honras todas devidas áquelle modestissimo triumphador.

(Continúa) *Pin-Sel.*

VASCO DA GAMA [1]

I

NO CABO

(Ao conselheiro Luciano Cordeiro)

> Agora vêdes bem que, commettendo
> O duvidoso mar num lenho leve,
> Por vias nunca usadas, não temendo
> De Africo Noto a força, a mais se atreve:
> Que, havendo tanto já que as partes vendo,
> Onde o dia é comprido, e onde breve,
> Inclinam seu proposito, e porfia,
> A ver os berços, onde nasce o dia.
>
> CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. 1, Est. 27.

Já longe era do Cabo a derradeira vêla,
Quando, elevando a voz, o grande Adamastor,
No meio dos febris arrancos da procella,
Falava aos seus irmãos, sentados em redor:

«Passou!... lá vai, lá vai aquelle humano ousado,
Que o victorioso Norte envia ás nossas aguas,
Para do Sul romper o encanto dilatado,
E, não obstante Zeus, dar fim ás nossas maguas!

Passou!... lá vai, sereno, altivo e sem receio,
Cortando o mar furioso e nunca d'antes visto,
Qual corta o lavrador da terra o duro seio,
E o Espaço o cavalleiro impavido e previsto!

Passou por entre nós, a coma ao ar dispersa,
Co'os pretos olhos d'aguia o mar e os céos sondando,
Em fundo meditar a funda mente immersa,
E ao mar, á terra, ao céo, impondo o seu commando!

Ainda o vejo, ainda aos ares solta, ondeia,
Sua inclita bandeira ao longe quasi extincta,
Emquanto em seus annéis de cobra o mar o enleia,
E lhe abre o abysmo a guela horrifica e faminta.

Que provas lhe reserva o Fado e quantas lides,
Por ver se engeita assim aquelle empenho seu!
Ah! seja o alto Céo propicio ao novo Alcides,
Que os ferros vem quebrar a um outro Prometheu!

Sumiu-se, — e, apezar da minha grande altura,
Não posso já seguil-o ao fundo do horizonte;
Juntae, juntae á minha, Irmãos, vossa estatura,
Por vêl-o ainda um monte erguei sobre outro monte!»

Assim disse o Gigante. E todos num momento,
Qual ágil ave sobe ao ar de rama em rama,
Trepavam um sobre outro até ao firmamento;
Mas sempre mais acima estava o illustre Gama!

II

NO OCEANO INDICO

> D'aqui fomos cortando muitos dias,
> Entre tormentas tristes e bonanças,
> No largo mar fazendo novas vias,
> Só conduzidos de ardúas esperanças:
> Co'o mar um tempo andámos em porfias;
> Que, como tudo nelle são mudanças,
> Corrente nelle achámos tão possante,
> Que passar não deixava por deante.
>
> CAMÕES — *Os Lusiadas*. Cant. V Est. 65.

Que vês, Irmão, que vês ao longe, no alto mar?
— Em tenue véo azul, poisadas ao de leve,
Distinctas, vejo, além, co'as ondas a folgar,
Tres azas côr-de-neve.

— Tres vêlas são, Irmão, tres vêlas portuguezas,
Que vão pedindo ao Sol seu reino oriental,
Aljofares ao Mar, ás Indias mil riquezas,
P'ra El-Rei de Portugal!

— Tres vêlas vejo em p'rigo ao longe no alto mar:
Da fertil India o Fado asperrimo as desvia,
E, não obstante o leme e não obstante o ar,
Derivam noite e dia.

Em debandada as leva o perfido Oceano,
E, como cede inerme o incauto peixe á rede,
Sob um adverso influxo e pernicioso engano,
A lusa Armada cede.

— Correntes são, Irmão, correntes poderosas,
Que vedam d'este mar á humana gente a entrada;
Mas, lá vem Noto dar auxilio ás naus famosas
Da mais que humana Armada.

— Tres vêlas vejo além, travadas, á porfia,
Co'as ondas, corpo a corpo, em lucta desegual:
As Quinas mostram bem que são as naus que envia
El-Rei de Portugal.

Vencido está, porfim, o impulso da corrente;
A brisa amiga enfuna o panno gemebando;
De pedras finas mil scintilla alegremente
O salso mar profundo.

Mas, eis o vento cai; as ondas adormecem;
A longa agitação succede horrenda calma;
Co'o flaccido velame agora as naus parecem
Tres corpos já sem alma.

Suspira a Frota em vão pelo mais tenue afago
De Zephyro amoroso ou bruseo Vendaval;
De fogo o céo parece, e o mar parece um lago,
Um lago de crystal.

— Vê bem, Irmão, vê bem ao longe, no horizonte!
— Ao longe, no horizonte, espessa nuvem tetrica,
Prenhe de raios mil, de mil tormentas fonte,
Do pégo surge eletrica.

[1] Do livro *Echos da Solidão*.

Sem vento, cresce, vôa, invade e tolda os ares;
Qual fragil flor, o sol murchou-se num minuto;
Mudou-se em negro limo a verde côr dos mares,
E os céos estão de luto.

Parece tudo absorto em muda expectativa;
E, neste assustador silencio universal,
Da morte á beira, a Armada grita: — Viva!
E viva Portugal!

De espanto e de terror meus membros estremecem..
Lá vejo ainda as naus sem mastros e sem vélas.
E um homem prodigioso, ao qual mil obedecem,
Erguido numa d'ellas...

Com voz potente e gesto augusto e soberano,
Ordena, exhorta, instrui, anima, incita, inflamma...
Parece um deus que vem medir-se co'o Oceano,
E em desafio o chama.

De prompto a nuve' estala: um rio em fogo os ares
Rasgou de norte a sul; um surdo e ribombante
Estrepito rebenta e róla sobre os mares
Num rir extravagante...

Qual ebrio, o vento acorda, estolido, feroz,
Vibrando golpes mil, sem rumo ou direcção,
Com uivos de demente, unindo a sua voz
Aos roncos do trovão.

Em formidando amplexo e informe remoinho,
Estreitamente o mar aos altos céos se abraça,
E, sobre montes de agua, hediondo, em desalinho,
Rugindo, a Morte passa.

Sumiu-se tudo... Agora um vêo de trevas cobre
Por toda a parte o seio immenso do Infinito;
Silencio sepulcral extende as azas sobre
O lugubre conflicto..

— Irmão, Irmão! vê bem ao longe, no alto mar!
— Ao longe, no alto mar, ha sempre as mesmas vélas,
E um homem prodigioso, ainda a commandar,
Erguido numa d'ellas!

III

NA INDIA

Sabei que estais na India, onde se extende,
Diverso povo, rico, e prosperado
De oiro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. VII, Est. 31.

Por estas naus os Mouros esperavam
Que, como fossem grandes, e possantes,
Aquellas que o commercio lhe tomavam
Com flammas abrazassem crepitantes:
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. IX, Est. 4.

Cadente e placida ao sabor da brisa,
Desfralda a onda o seu cairel de azul;
E lá, na abobada dos céos desliza,
Suave, a noite das regiões do Sul.

Ao longe vê-se uma cidade immensa,
Em sombra espessa, a repousar no vall';
Fragrante balsamo o ambiente incensa,
Nas trevas ruge o tigre do juncal.

De prompto, em flocos de espumante prata,
A lua aos ares devagar subiu:
E sobre o mar, onde ella se retrata,
A lusa Armada, em plena luz, surgiu.

Tres naus ondeiam ao vaivem das vagas,
Soltas as flammulas, superbo o ar;
Defronte a India desenrola as plagas,
As plagas do opulento Malabar.

Aqui é Calecut, — emporio e côrte
Do Samorim, potente Imperador;
Além, Coulão, Chalé Cochim; e, ao norte,
O esplendido paiz de Cananor.

Aqui tudo é prodigio, assombro, encanto:
Montanhas que se vão perder nos céos;
Campos que adorna eterno, verde manto;
Rios grossos de auriferos trophéos;

Mares de aljofar e coral calçados;
Ricos bosques de balsamos subtis;
Da terra os seios turgidos, minados
De diamantes, saphiras e rubis;

Na brenha feracissima e na selva
O tremebundo tigre sem rival;
O naja horrendo e o pythão na relva;
Na planura o elephante colossal;

Cidades que, co'a propria Natureza,
Na pompa competindo e no esplendor,
Ostentam fausto tal e tal riqueza,
Que espanta e mal se crê tanto primor;

Torres enormes, templos sumptuosos,
Nobres palacios, porticos sem fim,
Frescos jardins, castellos poderosos,
Estatuas d'oiro, porphyro e marfim;

Ruas innumeras, extensas praças,
Onde co'o dia affluí a multidão,
De origens varias e diversas raças:
Do Egypto e da Abyssinia, até ao Japão;

Tudo, emfim, quanto a mente mais fecunda
Em sonho iriado ousasse imaginar,
Alli brilhava á luz meditabunda
D'um refulgente e limpido luar.

Tudo isto, absorto, um homem contemplava
D'uma das naus sentado no convez,
Emquanto d'outro as falas escutava,
Vertidas por um lingua em portuguez.

Era o primeiro o grande e forte Gama,
Principe era o segundo de Cochim,
Monçaide, o mouro, o interprete se chama,
Que do Principe a fala explica assim:

« Escolho perfido amotina as vagas,
« As quilhas rasga e despedaça as naus:
« Ai! de quem fia em nunca vistas plagas,
« Em reis sem fé e em conselheiros maus!

« A tempo fixo emigra ou volta a ave,
« Um vento a leva, um vento logo a traz;
« Mal do que só então semeie e cave
« Quando já volte o exercito voraz.

« Qual é o escolho? o laço traiçoeiro,
« Que o Rei e os Naires armam contra ti;
« E as aves são da Arabia o povo inteiro
« Que em breve co'a monção affluí aqui.

« Só tens tres naus, as d'elles são nos centos;
« Tens pouca gente, a d'elles não tem fim;
« E, emquanto elles propicios teem os ventos,
« Adversos os verás e o mar ruim.

« Fazer-te á véla é, pois, preciso agora:
« Que, se em apreço a vida tens dos teus,
« Fugir deves d'aqui sem mais demora.
« Eis meu conselho. Sê feliz. Adeus!»

— « Detem-te, Principe, o Heroe responde;
« Não julgues só pelo que viste e vês;
« O Medo nunca ousára entrar adonde
« Ouvir pudesse o nome portuguez.

« Ha quasi um anno que da patria minha,
« A voz da honra, ás ordens do meu Rei,
« Por mares que ninguem sulcado tinha,
« Em busca d'estas plagas me embarquei.

« Tormentas vi medonhas, indiziveis,
« Bancos de areia, escolhos, turbilhões,
« Calmarias, correntes invenciveis,
« Doenças, mortes, fomes e traições.

« O mar e a terra, o céo e os elementos,
« Vi contra mim juntarem seu furor;
« Mas que podem seus golpes mais cruentos
« Contra o dever, a honra e o valor?

« E, tendo assim luctado, assim soffrido,
« E após tanta famosa e grande acção,
« Por tão pouco inda crês que me intimido?
« Que gente julgas tu que os Lusos são?

« No entanto acceito aquelle amor sincero
« Que tanto aventurar te faz por mim;
« E, Deus querendo, devolver-te espero,
« Por esse amor, o throno de Cochim.

« Já prompto hei de deixar estas paragens,
« Que é tempo de informar o Grande Rei;
« Levar-lhe-hei as tuas homenagens,
« E o amor que tens por elle lhe direi.

« Conserva sempre firme a lealdade
« Que d'ella o fructo em breve has de colher,
« Qual se ha da sua indigna falcidade,
« O rei de Calecut arrepender.

« Vês essa estrella que, do céo escuro,
« No mar caíndo, se desprende além?...
« Bem cedo volta co' esplendor mais puro,
« E assim a Armada voltará tambem.

« Então verás o immenso poderio
« Da patria minha, o invicto Portugal;
« Verás se ha povo que, em valor e em brio,
« A lusa gente se compare ou egual'.

« Então o injusto e desleal tyranno,
« Que a nossa perda consumar jurou,
« Verá quão peza o braço lusitano.»
« Que aleivosias nunca perdoou.»

Assim, com voz solemne e majestosa,
Falava o grande Vasco ao Malabar...
E a noite proseguia silenciosa.
Cadente a onda e placido o luar!

José Bénoliel.

CHRONICA DE PARIS

Falei-lhes na minha ultima chronica das peças de theatro que mais festejadas teem sido, hoje vou dizer-lhes o que penso da melhor d'entre ellas, áquella cuja glorificação tem sido unanime, sem discrepancias nem duvidas.

E ella o *Cyrano de Bergerac*. O seu auctor, M. Edmond Rostand, é um magnifico poeta que não tendo ainda trinta annos é já a um tempo, poeta lyrico, tragico, comico, e mesmo tragi-comico, e tem como nenhum a arte de juntar palavras, frases coloridas e sonoras, rimas surprehendentes, em que o metrificador e o musico se disputam primasias. Dir-se-hia um feiticeiro enviado pela rainha Mab do reino da phantasia.

Poetas como Rostand não nascem d'um dia para o outro, nem caem da lua, comquanto, ás vezes pareça terem habitado e contarem recordações d'um outro planeta, bem melhor e menos prosaico e triste do que este em que nascemos. M. Rostand já mostrára o muito que vale n'um volume de versos intitulado *Musardises* e em tres peças de theatro: uma comedia em trez actos em verso, *Les Romanesques* que foi representada na Comédie Française, a *Princesse-Lointaine*, quatro actos tambem em verso, e finalmente a *Samaritaine*, evangelho em tres quadros, em versos inimitaveis, que pela primeira vez subiu á scena na Renaissance, em abril do anno passado e que tão superiormente foi interpretado por Sarah Bernard.

Quem lêr as *Musardises* com attenção, verá d'umas poesias para as outras a evolução do espirito do auctor e sobretudo constatará que Rostand não se fez poeta. Tem a poesia ingenita, ao nascer envolveu-o um raio de sol, d'esse bom sol claro e alegre que faz cantar as cigarras e tinge de vermelho as rosas.

Nasceu poeta, como outros nascem gymnastas ou saltimbancos. Admira o sol, a lua, as estrellas, o que não é banal, quando ha tanta gente que as olha com indifferença ou talvez nunca perdesse tempo a contemplal-as, sem por isso deixar de sêr pessoa de bem, e até eleitor e elegivel. Rostand cêdo começou a olhal-as com amor e a extasiar-se ante essa sublime *mise-en-scène* do universo, ante as maravilhosas illuminuras d'esse bello livro de imagens que se chama: a natureza. O rosado da madrugada, o azul brilhante do meio dia, o lilaz e o azul-roxo do crepusculo, enthusiasmão-no e dão á sua poesia o colorido de quem vê, sente e comprehende o que vê.

Logo nos seus primeiros versos, escriptos quasi ainda na adolescencia, se revela que ha n'elle o instincto, o sentimento, a idéa dos rythmos e melodia e que a tudo isto se junta a visão intima da natureza que faz de Rostand um poeta de raça.

Não creio, e toda a gente o diz, que depois de *Ruy-Blaz* e *Marion de Lorme*, depois do *Capitaine Fracasse* de Gauthier, depois d'algumas das melhores peças, caprichosas e funambulescas de Banville, não creio, digo, que se tenha escripto para o theatro francez trabalho de mais valor que o *Cyrano de Bergerac* nem me parece que algum tenha manejado a lingua franceza percorrendo toda a longa escala desde o registro copioso de Rabelais, até ás mais ternas suavidades de Sully-Prudhomme.

Ha nos versos de Rostand a flexibilidade de Racine e o verbo forte de Molière. Essas qualidades peculiares a taes mestres e que muitas vezes notei espalhadas pelos differentes trabalhos de M. Edmond Rostand encontro-as todas comprehendidas no *Cyrano* verdadeira obra-prima do theatro francez moderno.

*

O theatro feminista internacional, deu mais uma recita, com a comedia em quatro actos e cinco quadros de M.mes Jane Meyerheim, e Serge Rello, *L'enfant du Mari*.

Não posso felicitar as auctoras. O drama é banal e está escripto, com uma tal ingenuidade, com uma tal emphase e puerilidade que não podem chamar-se absolutamente bem passadas as horas gastas a ouvil-o.

Jean de Lugny, é o marido, com todas as pequenas e grandes infamias de que esses senhores são capazes. Gilberta, a mulher, com todas as virtudes d'uma santa. Trinidad Carmona, a amante que morre tisica, depois da fuga de Jean Lugny para a America, deixando-lhe uma filha que Gilberta adoptará.

No ultimo acto Trinidad morre abençoando Gilberta, aos pés de quem o marido cae pedindo perdão, depois de a ter accusado de adulterio com Contras, seu amigo intimo.

Como disse, o assumpto é banal e a verosimilhança é tal que só poderia sêr admittida n'um livro de estampas para creanças.

Não tem merecimento litterario porque as scenas são mal deliniadas e o dialogo lento e sem côr, não tem observação porque na vida real não é exactamente assim que as coisas se passam. Nem elles são tão maus, nem ellas tão sublimes.

*

Paris tem sido envolvido por nevoeiros tão espessos que ha dias foi preciso que os policias de serviço na praça da Concordia, accendessem archotes para facilitar o transito. Mas, a *quelque chose malheur est bon*, quando se dissipa um d'esses grandes nevoeiros ao cair da noite, nada ha mais formoso do que o aspecto da praça. O solo é feito d'um betume liso como uma sala de baile e quando molhado toma o aspecto de um grande lago onde se espelham as luzes.

Vista da ponte d'Orsay, as chammas dos candieiros de gaz misturando-se com a pallida luz dos muitos globos electricos, entercalados com as *silhouettes* das arvores que se desenham na transparencia do ár, dão á grandiosa praça um aspecto verdadeiramente phantastico, e sem sabermos porque, lembram-nos descripções de antigas festas venezianas e surprehendemo-nos a sonhar mulheres com o rosto velado pela mascarilha, maridos ciosos com a mão no cabo do punhal, e amantes vestidos de veludo preto, passeando em gondolas cheias de musicos, por defronte d'algum palacio revestido de preciosos marmores, emquanto uma das janellas se entre-abre deixando adivinhar o busto gentil d'alguma nobre veneziana.

Paris com os seus monumentos, com o seu ceu quasi sempre velado, dá-nos ás vezes espectos verdadeiramente encantadores, que nos fazem crer que o viajante que vem aqui passear um mez, visita os theatros, ouve as cançonetas dos cafés-concertos, percorre os museus, não conhece de Paris o que elle tem de melhor, a sua feição puramente artistica.

Madame de Mello.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

MOSTEIRO DOS JERONYMOS — Estatua do Infante D. Henrique na porta lateral da egreja

MOSTEIRO DOS JERONYMOS — Vista geral exterior da egreja

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Echos da Solidão — *por José Bénoliel — Lisboa — 1897.*

N'uma edição luxuosa, para cujo apparecimento muito contribuiu o benemerito e illustre camoneanista sr. dr. Carvalho Monteiro, publicou o sr. José Bénoliel, sob o suggestivo titulo de *Echos da Solidão*, grande numero das suas composições poeticas, dedicando esta collecção á memoria do mimoso João de Deus.

De estylo variado, apresentam todos esses pequeninos poemas decidido valor, demonstrando fino talento e delicada concepção. Entre elles, todavia, cumpre-nos destacar pela sua opportunidade e boa factura, o inspirado poemetto *Vasco da Gama*, que n'outro logar publicamos, e que rememora o grande nauta e a sua grande obra.

Como o leitor verá o poemeto *Vasco da Gama* tem em alguns dos seus passos um estranho sabor, em resaibo de cantiga de cancioneiro, como de melopedica xacara; de um notavel vigor epico como n'outros passos, a brilhante composição mostra-nos a energia da epopea.

Das varias partes dos *Echos da Solidão*, não é justo distinguir ou estabelecer primazias. Confessamos, comtudo, que as traducções dos proverbios de Salomão possuem inestimavel valor pelo seu conceito tão delicadamente traduzido.

Bemvindos, pois, os *Echos da Solidão* para o bulicio da litteratura onde, de certo, vem occupar logar de honra.

Folhas d'Arte — *por Monteiro Ramalho — Lisboa — Gomes — Editor — Lisboa — 1897.*

Eis um elegante volume que, na nossa rede bibliographica, escapara pela malha. A lisongeira affluencia de variados trabalhos litterarios de que nos cumulam, não permitte que noticiemos convenientemente todos esses livros cujas offertas nos honram quotidianamente. D'ahi a fuga de algum livro que os nossos collaboradores folheam com interesse, graças ao assumpto a que respeitam.

Succedeu assim com as *Folhas d'Arte*, o bonito volume que de Barqueiros, no Douro, nos foi enviado ha tempo pelo nosso amigo, e illustre collaborador tambem, sr. Monteiro Ramalho, escriptor muito apreciado pela sua critica integra e conscienciosa sobre coisas d'arte.

No livro, veem «transplantadas em grande parte» do nosso periodico, varias chronicas artisticas, primitivamente aqui pubicadas, e cuja resuscitação se impunha no momento que atravessamos, em que as questões artisticas, felizmente, vão merecendo cuidados a attenção. E ao nosso amigo e sr. Monteiro Ramalho, cabe a gloria de haver contribuido com boa parcella para esse resultado.

Constitue isso pois uma alevantada e lisongeira homenagem aos seus trabalhos; homenagem não menos grata a nós do que ao illustrado auctor das *Folhas d'Arte*.

Iride — *rivista letteraria musicale.—Genova — 1897.— Via Maddalena, 33.*

O numero presente d'esta revista italiana insere a critica ao novo drama lyrico *Chatterton*, em tres actos, original de R. Leoncavallo, que para elle procurou o argumento no velho drama de Alfredo de Vigny.

Redigida em logar affastado de Milão, a cidade onde as criticas musicaes são tão apaixonadas e parciaes, parece-nos ser muito para se seguirem as opiniões da nova revista, cuja collaboração é selecta e interessante. O ultimo numero recebido dá a noticia da permuta com a nossa revista.

Gazeta dos caminhos de ferro *n.º 1 do XI anno, 1 de janeiro de 1898, Lisboa.*

Acaba de entrar no seu undecimo anno de publicação esta importante e conceituada revista de que é proprietario e director o nosso prezado confrade e amigo sr. L. de Mendonça e Costa.

Da prosperidade da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* é penhor bastante esta já longa vida, e da sua importancia o lisongeiro apreço que sempre tem merecido.

Os nossos parabens.

Fabrica da Pampulha. — O sr. Eduardo Costa, proprietario da fabrica de bolachas da Pampulha, offereceu este anno aos seus amigos e freguezes um lindo kalendario, que, sem duvida, sobreleva os que tem offerecido nos mais annos, em belleza e primor de execução. Este kalendario representa uma janella em estylo manuelino, atravez da qual se vê a chegada de Vasco da Gama á India, quadro de bello effeito. Ao lado direito da janella e na parte inferior está um medalhão com o retrato do sr. Eduardo Costa, e sobre o medalhão ergue-se a figura da patria offerecendo a palma da victoria aos navegadores portuguezes. Na parte inferior do kalendario, como que emmoldurando o medalhão e a vista da fabrica, desenham-se a ouro as medalhas das differentes exposições nacionaes e estrangeiras com que tem sido premiado o sr. Costa, um dos nossos industriaes mais intelligentes e que mais tem aperfeiçoado a sua industria em Portugal.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39